

Argumento da Epístola II, de *Essay on Man*: Da natureza e do estado do homem com respeito a si mesmo, como um indivíduo

Tradução de Gentil Saraiva Jr.¹

Nota do tradutor:

O *Ensaio Sobre o Homem* (1734), de Alexander Pope (1688-1744), é um poema escrito em dísticos heroicos, que é uma forma tradicional da poesia inglesa, que é usada comumente em poesia narrativa e épica. Dísticos são pares de versos rimados em pentâmetros iâmbicos. Iambos são pés (de verso) de duas sílabas métricas, na ordem átona / tônica, que no grego eram com sílabas breves / longas, devido à diferença linguística. Cinco pés compõem um pentâmetro com esse tipo de pé.

Na versificação em língua portuguesa, o ritmo é marcado pela acentuação, ou seja, a variação entre as sílabas tônicas e átonas, e o nome do verso é dado pelo seu número de sílabas. Assim, um pentâmetro iâmbico se torna, em tese, um decassílabo em nossa língua.

Como o português é uma língua mais analítica, ao contrário do inglês, que é mais sintético, ou seja, tendemos a ter mais palavras para expressar o mesmo significado em português do que no inglês, é extremamente difícil traduzir pentâmetros em decassílabos. No máximo, quando alguns versos saem naturalmente nesse metro. Nos demais, a meta foi traduzir utilizando quatorze sílabas métricas como limite máximo (o chamado alexandrino arcaico) e o decassílabo como limite mínimo. Talvez um ou outro verso tenha nove sílabas métricas, devido ao puro acaso.

Dentro desse parâmetro, foram utilizados decassílabos com acentuações na terceira, sexta e décima sílabas, e na quarta, oitava e décima, bem como alexandrinos clássicos (ou franceses), com dois hemistíquios de seis sílabas

1 Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Letras da UFRGS.

métricas, com acentuações na terceira, sexta, nona e décima segunda sílabas. Como é impossível manter essa regularidade, também foram usados versos de onze e treze sílabas, mas sempre com acentuações marcadas na terceira, sexta, nona e na última, e quarta, oitava, décima e / ou décima primeira e / ou décima terceira.

Quanto às rimas, foi naturalmente impossível mantê-las fielmente como no original, praticamente rimas perfeitas.

Conseguimos algumas, também/além, confundido/desiludido, etc. No entanto, quase todas são rimas imperfeitas, com somente identidades de sons, mas não de grafia: intermediário/sábio, prefere/reflete, leva/pesa, e outras menos evidentes. O importante foi conseguir criar essas rimas, e não tentar criá-las todas á perfeição, uma tarefa que seria inglória e frustrante.

Epístola II

I. O trabalho do homem em não bisbilhotar Deus, mas estudar a si mesmo. Sua Natureza Média; seus Poderes e Fragilidades, v.1 a 19. Os Limites de sua Capacidade, v.19, etc.

II. Os dois Princípios do Homem, Amor-próprio e Razão, ambos necessários, v.53, etc. Amor-próprio o mais forte, e por que, v.67, etc. Seu fim o mesmo, v.81, etc.

III. As Paixões e seu uso, v.93 to 130. A Paixão predominante e sua força, v.132 a 160. Sua Necessidade em conduzir os Homens a diferentes propósitos, v.165, etc. Seu Uso providencial em fixar nosso Princípio e verificar nossa Virtude, v.177.

IV. Virtude e Vício unidos em nossa Natureza mista; os limites próximos, porém as coisas separadas e evidentes: Qual é o Ofício da Razão, v.202 to 216.

V. O quão o Vício é odioso em si mesmo, e como nos enganamos e caímos nessa armadilha, v.217.

VI. No entanto, os Fins da Providência e do Bem geral são respondidos em nossas Paixões e Imperfeições, v.238, etc. Como utilmente essas são distribuídas a todas Ordens de Homens, v.241. O quão útil são para a Sociedade, v.251.

E para os Indivíduos, v.263. Em todo estado e toda idade da vida, v.273, etc.

Epístola II.

I. Conhece-te a ti mesmo, a Deus evita exame;
Da humanidade o estudo apropriado é o homem.
Posto neste istmo de um estado intermediário,

Um ser incultamente ilustre e sombriamente sábio:
Com muita sapiência para o lado cético,
Com fraqueza demais para o orgulho do estoico,
Ele pende no meio; entre o ato e o repouso;
Incerto entre julgar-se um deus, ou um bicho bruto;
Incerto se sua mente ou seu corpo prefere;
Só pra morrer nascido, e só pra errar reflete;
Igual em ignorância, e sua razão também,
Se pensa muito pouco, ou se vai muito além:
Caos de paixão e pensamento, todo confundido;
Ainda por si mesmo abusado ou desiludido;
Feito metade pra subir, e a outra pra cair;
Grande senhor de tudo, mas sempre cativo;
Da verdade único juiz, lançado em erro infundo:
A glória, burla, e enigma do mundo!

Vai, bela criatura! ascende onde a ciência leva,
Vai, mede terra, fixa as marés e o ar pesa;
Aos planetas instrui que órbitas seguir,
Corrige o velho tempo e o sol gerencie;
Vai, com Platão te eleva à esfera celestial,
Ao primeiro bom, justo e primeiro ideal;
Ou trilha o círculo confuso dos adeptos seus,
E ao perder o juízo exclama e imita a Deus;
Como orientais curas correm em círculo veloz,
E giram suas cabeças pra imitar o sol.
Vai, ensina a Imortal Sabedoria a governar --
Depois cai em ti mesmo, e sê um palerma!

Seres superiores, quando viram há pouco
A lei de toda a Natureza um homem mortal expor,
Prezaram tal sabedoria em mundano formato
E um Newton expuseram como expomos um macaco.

Aquele, cujas regras sujeitam o veloz cometa,
Um movimento de sua mente descreve ou conserta?
Quem viu suas chamas se elevar e reduzir,
Explica seu princípio, ou seu próprio fim?
Ai de mim, imagina! do homem a suprema parte
Livre pode subir, e ascender de arte a arte;
Porém quando sua grande obra mal começou,
O que tece a razão é desfeito pela paixão.

A Ciência rastreia, com teu guia Modéstia, então;
Primeiro tira o orgulho com toda sua guarnição;

Desconta o que é somente vaidade ou traje,
Ou pompa de instrução, ou ociosidade;
Ou truques pra mostrar o alcance do cérebro humano,
Mero prazer curioso, ou hábil dano;
Tudo expurga, ou apara as excrescentes partes
De todos nossos vícios [que] criaram artes;
Então vê quão pequena é a soma restante,
Que serviu o passado, e servirá os tempos adiante!

II. Dois princípios na humana natureza reinam;
Razão para conter e Amor próprio pra instigar;
Não chamamos mau este, nem aquele bom,
Cada um cria seu fim, pra mover ou governar tudo
E para sua correta operação ainda,
Atribui tudo bom; e ruim à incorreta.

Urge a alma o Amor-próprio, a mola da ação;
Rege o todo o equilíbrio comparador da Razão.
O homem, fora aquele, nenhuma ação seguiria,
E, fora este, a nenhum fim ativo estaria:
Fixo como uma planta em seu lugar peculiar,
Pra sorver nutrição, grassar, e apodrentar;
Ou, feito meteoro, arder sem lei pelo vazio,
Aos outros destruindo, por si mesmo destruído.
Maior força o princípio do movimento requer;
Ativa sua tarefa, ele impele, inspira, sugere.
A comparação jaz tranquila e calma,
Formada só pra ponderar, checar e aconselhar.
Amor-próprio mais forte, com seus objetos à vista;
Razão fica à distância, e jaz em perspectiva:
Aquele vê no senso presente bem imediato;
A razão, o futuro e o resultado.
Mais densas que argumentos, tentações se agrupam.
Estas são mais atentas, mas aqueles mais robustos.
A ação do mais forte suspender,
Razão ainda usar, pra razão ainda atender.
Atenção, hábito e experiência aufere;
Cada um fortalece a razão, e amor próprio impede.
Que sutis acadêmicos lhes ensinem a lutar,
Mais aplicados a cindir do que agregar;
E separam virtude e graça, razão e senso,
Com toda a crua destreza do engenho.

Astutos, como tolos, em guerra por um nome,
Frequentemente sem sentido, ou só o mesmo.
Amor-próprio e razão a um fim almejam,
Machucar sua aversão, deleitar seu desejo;
Aquele tão guloso que seu alvo engoliria,
Esta o mel saboreia, e a flor não feriria:
O prazer, entendido injusta ou justamente,
Nosso maior mal, ou o nosso maior bem.

III. Maneiras de amor-próprio as paixões podemos chamar;

O bem real, ou aparente, move todas elas:
Mas já que não podemos dividir todo bem,
E a razão nos oferta nosso próprio sustento;
Paixões, mesmo egoístas, se seus meios são justos,
Sob a Razão se postam, e merecem seu apuro;
Aqueles, que outorgados, cortejam uma meta mais nobre,
Exaltam sua espécie, e tomam da virtude um nome.
Que os estoicos ostentem em apatia acomodada
Sua virtude fixada; fixada como em geada;
Tudo encolhido, retirando-se ao peito;
Mas a força mental é exercício, não sossego:
A tormenta crescente ativa a alma,
O todo é preservado, mas partes ela devasta.
No vasto mar da vida navegamos variamente,
A bússola é a Razão, mas a paixão é a ventania;
Nem só Deus encontramos na quieta calma,
Na tormenta Ele ascende, e sobre o vento caminha.

Paixões, como elementos, pra lutar nascidas,
Porém, mescladas e abrandadas, no trabalho unidas:
Basta então moderá-las e usar;
Mas o que compõe o homem, pode o homem aniquilar?
Pois basta que a Razão siga a trilha da Natureza,
Submeta, componha-lhes, siga ela e Deus.
O trem do prazer justo, esperança, alegria, amor,
Ódio, medo e tristeza, a família da dor,
Estes mesclados com arte, e confinados a limites,
Criam e sustentam o equilíbrio da mente;
Luzes e sombras, cuja briga consentida
Dá toda a força e cor de nossa vida.

Os prazeres estão sempre em nossas mãos ou na vista;
E quando em ato cessam, ascendem em perspectiva:

Presente pra agarrar, e futuro ainda latente,
Todo o emprego do corpo e da mente.
Todos espalham encantos, mas todos são diferentes;
Em sentidos distintos, tocam objetos diferentes;
E distintas paixões mais ou menos inflamam,
Como fortes ou fracas, os órgãos da massa;
E logo que a paixão mestra estiver no peito,
Como a serpente de Arão, engole o resto.

Como o homem, talvez, no momento de seu alento
Já recebe o princípio oculto do perecimento;
A jovem enfermidade que deve enfim dominar,
Vai crescer junto com ele, e com sua força vigorar:
Fundida assim e mesclada com sua própria massa,
A doença da mente, a paixão que avassala;
Pois cada humor vital que deve alimentar o todo,
Logo flui para isso, na alma e no corpo:
O que encha a cabeça, ou aqueça o coração,
Conforme a mente se abre, e espalha suas funções,
A imaginação exerce sua arriscada arte,
E derrama isso tudo sobre a pecante parte.

Natureza sua mãe, o hábito sua enfermeira;
Faculdades, espírito, engenho, pior a deixam;
A razão lhe dá ainda agudeza e poder;
Como o raio do Céu deixa o vinagre mais azedo.

Nós, súditos malditos, num jugo legítimo,
Nesta rainha ainda acatamos um favorito:
Ah! se ela não empresta armas, tanto quanto regras,
O que pode ela mais que nos chamar de palermas?
Nos ensina a chorar, não remir nossa natureza,
Uma hábil acusadora, mas uma amiga indefesa!
Ou um juiz que vira defensor, pra instigar
A escolha que fazemos, ou justificá-la;
Todo o tempo orgulhosa da conquista fácil,
Ela apenas remove para o forte paixões fracas;
Assim, quando pequenos humores se juntam em gota,
O médico imagina que os tirou à força.

Da Natureza a trilha deve ser sempre escolhida;
A razão não é guia aqui, mas ainda vigia:
É dela corrigir, não derrubar,
Mais como amiga que inimiga essa paixão tratar:
Um poder mais potente emite o forte sentido,

E homens vários impelem a diversos objetivos:
Como ventos mutantes, por outras paixões lançados,
Isso os leva constantes a um litoral marcado.
Que poder ou saber, ouro ou glória, agradem,
Ou (mais forte que tudo) o amor ao que é fácil;
Pela vida é seguido, mesmo à custa da vida;
Indolência do sábio, do comerciante a lida,
Humildade do monge, orgulho do herói,
Todos encontram igualmente a razão como apoio.

A arte eterna, extraíndo bem do mal,
Nesta paixão enxerta nossa regra principal:
O mercúrio do homem assim é fixado,
Forte cresce a virtude com seu caráter mesclado;
O refugio cimenta o que seria fino demais,
Num único interesse o corpo com a mente age.

Como frutas, ingratas ao cuidado do colono,
Postas em criação selvagem geram pomos;
As virtudes mais certas das paixões brotam,
Vigor da natureza agreste na raiz labora.
Que colheitas de engenho e honestidade virão
Do baço, medo, ódio, ou obstinação!
Vê raiva, zelo e fortaleza auxiliam;
Mesmo avidez, prudência; preguiça, filosofia;
Luxúria, refinada por certos filtros,
É amor gentil, e encanta o sexo feminino;
A inveja, que escraviza a ignóbil mente,
É emulação no sábio ou no valente;
Nem virtude podemos nomear, macho ou fêmea,
Mas o que crescerá no orgulho, ou na vergonha.

Assim, a natureza nos dá (nosso orgulho visto)
A virtude mais próxima de nosso vício:
Razão vira o viés ao bem do mal,
E Nero rege um Tito, se lhe apraz.
A alma ardente abominada em Catilina,
Em Décio encanta, em Curtius é divina:
A mesma ambição pode salvar ou destruir,
E faz um patriota como faz um patife.

IV. Escuridão e luz em nosso caos coalescentes,
O que separará? O Deus dentro da mente.

Extremos naturais fins iguais produz,

No homem se unem a um uso misterioso;
Embora cada uma por turnos invada a área alheia,
Como sombra e luz, em alguma imagem bem-feita,
E com frequência mesclam, é boa demais a diferença,
Onde acaba a virtude ou o vício começa.

Tolos! quem logo nessa noção caem,
Que virtude ou vício nenhum há.
Se branco e preto fundem-se, amolecem, e se somam
De mil maneiras, não há preto ou branco?
Nada é tão simples, pergunta a teu próprio coração;
E para confundi-los, custa tempo e aflição.

V. O vício é um monstro de porte tão terrível,
Que, pra ser odiado, só precisa ser visto;
Porém, se muito visto, de seu rosto aproximamos,
Primeiro suportamos, temos dó, e logo abraçamos.
Mas onde fica o vício, ninguém disse:
Pergunta onde é o norte? em York, é no Tweed;
Na Escócia, nas Órcades; e lá,
Na Groenlândia, Zembla, ou só Deus sabe.
Nenhuma criatura o possui de imediato,
Mas acha que o vizinho é mais viajado;
Mesmo aqueles que habitam sob sua zona,
Ou nunca sentem a raiva, ou não a possuem nunca;
O que nações felizes evitam com medo,
O duro residente argumenta que é certo.

VI. Puro e perverso todo homem deve ser,
Poucos no extremo, mas algum grau todos devem ter,
O biltre e tolo aos trancos é justo e sábio;
Igualmente os melhores são o que menoscabam.
É só por partes que seguimos mal ou bem;
Porque, vício ou virtude, ainda se dirigem;
Cada indivíduo busca variada meta;
Mas a grande visão do Céu é única, e completa.
Que neutraliza cada tolice e capricho;
Que desaponta o efeito de todos os vícios;
Que, fraquezas felizes aplicadas a todos,
Vergonha à virgem, à matrona orgulho,
Ao estadista medo, e ao chefe imprudência,
Aos reis empáfia, e às multidões a crença:

Que, da vaidade os fins da virtude se elevam,
Que não busca interesse, ou prêmio, mas a bênção;
E crescem de carências, e nos defeitos da mente,
A alegria, paz, glória da humana gente.

O Céu formando cada um pra do outro depender,
Um criado, ou um amigo, ou um líder,
Rogando que cada um chame a assistência de outro,
E que a fraqueza de um forje a força de todos.

Paixões, fragilidades, carências mais aproximam
O interesse comum, ou o laço cativam.

Sincero amor a elas damos, e amizade certa,

Cada alegria interna que a vida aqui herda;

Porém, das mesmas aprendemos, no declínio,

A abrir mão dos amores, interesses, júbilos;

Ensinados metade pela razão, e metade

Por mera decadência a aceitar a morte, e expirar.

Qual seja a fama, lucro paixão, ou conhecimento,

Ninguém mudará o próximo consigo mesmo.

O letrado é feliz de a natureza explorar,

O tolo está feliz por ignorar;

O rico está feliz ao doar a fartura,

O pobre se contenta com o cuidado das Alturas.

Vede o mendigo cego dançar, o coxo cantar,

O bêbado é um herói, o lunático um monarca;

O químico faminto em suas visões douradas

Sumamente bendito, o poeta em sua musa.

Algum estranho conforto assiste a todo estado,

E orgulho a todos concedido, amigo partilhado;

Vede paixão correta toda idade suprir,

E a esperança acompanha-nos até o fim.

Vede a criança, por gentil lei da Natureza,

Satisfeita com um guizo, alegrada com uma vareta:

Um brinquedo mais vivo já deleita sua infância,

Um pouco mais ruidoso, mas sem significância:

Cachecóis, ligas, ouro animam a fase mais madura,

E rosário e hinários, brinquedos da vida adulta:

Ainda satisfeita, como antes, com ninharia;

Até que exausta dorme, e a má peça da vida finda.

Enquanto a opinião doura com raios matizados

Essas nuvens pintadas que embelezam nossos dias;

A esperança a ausência de felicidade suprindo,

E o orgulho a vacuidade de sentido:
Esses se erguem tão rápido quanto o saber aniquila;
Ainda ri a bolha, a alegria, na taça da asneira;
Uma chance perdida, outra ainda ganhamos;
E nenhuma vaidade é dada em vão;
Mesmo o amor-próprio mau se torna, por força divina,
A escala pra medir pela sua carências alheias.
Confessai, um conforto ainda deve ser alçado,
E é este, embora o homem seja um tolo, Deus é sábio.

Texto disponível no endereço < <https://www.gutenberg.org/ebooks/2428>>.
Acesso em 17/06/2015.

